

A ESCOLA E AS SUAS FORMAS DE ORGANIZAÇÃO ESPAÇO E TEMPO

Thais Silva Trindade das Mercês ¹
Silvane dos Passos Barbosa dos Santos Araújo ²
Ana Cláudia da Silva Magalhães ³
Renan Cabral Gomes e Silva ⁴

INTRODUÇÃO

O estudo desenvolvido nesta pesquisa foi apresentado como requisito para a avaliação final da disciplina “Escola e Currículo” componente curricular obrigatório do segundo período do Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Currículo e Gestão da Escola Básica, e trata-se de uma pesquisa bibliográfica, de abordagem qualitativa, na qual foram levantadas produções acadêmicas que versavam sobre a temática da forma escolar.

Esta pesquisa tem como objeto de estudo a organização do espaço e tempo como elementos constitutivos da forma escolar. Seu objetivo geral é problematizar a partir de uma análise sócio- histórica os conceitos: escola, forma escolar, espaço, tempo e cultura escrita (conhecimento). Essa conceptualização é indispensável, visto que, a partir do momento em a escola que foi inventada, esta foi sendo atravessada por diversos condicionantes que ajudaram na constituição da sua forma escolar na atualidade.

Nessa direção, para compreender a forma escolar na contemporaneidade é relevante demarcar o momento de ruptura com outras formas de desenvolvimento da educação em tempos anteriores a invenção da escola. Primeiramente, faz-se precípuo superar a perspectiva de naturalização desses conceitos, compreendendo de forma sistemática seus significados e evidenciando elementos de tensionamentos que favoreçam uma reflexão mais ampla de como a configuração da escola e suas formas de organização espaço-tempo vem se desenhando ao longo dos contextos históricos.

Seu embasamento teórico tem como principais referências: Canário (2005), Frago (1995), Magalhães (1996), Vicent, Lahire e Thin (2001). Estes autores abordam de forma criteriosa as temáticas da forma escolar, cultura escolar e organização espaço-temporal, por meio da sociologia da educação e da historiografia no contexto da França e de Portugal. Apontam importantes pistas que nos ajudam a compreender como a escola enquanto instituição histórica vai se delineando no Brasil de acordo com os contextos sociais, econômicos, políticos e culturais. Por esse ângulo, os autores em questão mobilizam uma reflexão significativa a respeito da perspectiva de desnaturalização da forma escolar sem desconsiderar que existe uma cultura escolar que é marcada por elementos invariantes.

METODOLOGIA

Em uma pesquisa é indispensável delimitar o seu percurso metodológico, pois este auxilia na compreensão e análise do objeto de pesquisa. Sendo assim, neste estudo lanço mão

¹ Mestranda do Curso de Pós-graduação em Currículo e Gestão da Escola Básica da Universidade Federal do Pará-UFPA, profa.thaismercês@gmail.com;

² Mestranda do Curso de Pós-graduação em Currículo e Gestão da Escola Básica da Universidade Federal do Pará-UFPA, passossilvane@gmail.com;

³ Mestranda do Curso de Pós-graduação em Currículo e Gestão da Escola Básica da Universidade Federal do Pará-UFPA, acsm1376@gmail.com;

⁴ Mestrando do Curso de Pós-graduação em Currículo e Gestão da Escola Básica da Universidade Federal do Pará-UFPA, renancabrall@yahoo.com.br.

de aspectos da pesquisa com abordagem qualitativa baseada nos pressupostos de Minayo (2012), tipo de pesquisa que tem sua raiz na Antropologia e na Sociologia, áreas que inicialmente aplicaram esse tipo de pesquisa em seus estudos, como contraponto ao positivismo da pesquisa quantitativa.

Como estratégia de estudo utilizei a pesquisa do tipo bibliográfica e de caráter exploratório para reunir informações que serviram de base teórica para a construção e discussão do objeto de estudo. Os dados são de caráter primários e foram levantadas produções bibliográficas em periódicos acadêmicos e livros que versavam sobre a temática da forma escolar.

O período de elaboração deste trabalho se deu entre setembro de 2018 e dezembro de 2018, mesmo período em que foram desenvolvidas atividades da disciplina “Escola e Currículo”. A pesquisa foi realizada nos seguintes periódicos: Revista Eletrônica de Ciências da Educação; Educação em Revista; Educação, Sociedade e Cultura; e Revista Brasileira de Educação. Também foi utilizada a obra de Canário (2005) intitulada “O que é a Escola? Um “olhar” sociológico”.

DESENVOLVIMENTO

A organização é um elemento da cultura escolar que está na origem da invenção da escola, esta surgiu no Brasil com atraso em relação a outros países da Europa, aproximadamente no período de mudança da Monarquia para a República. A mudança no sistema político reverberou no desenvolvimento industrial e das cidades e, em consequência, no aumento populacional das áreas urbanas gerando sérios problemas sociais, essa conjuntura suscitou a necessidade de progresso e de escola para todos. Isto posto, a escola passa a ocupar um espaço distinto de outras instituições como a família, a igreja entre outras e a escolarização passa a ser crucial para a formação cidadã (TOMMASELLI, 2009).

É exatamente nesse período que se pode demarcar uma ruptura com outras formas de se compreender o ensino que ao invés de ocorrer por meio de ver fazer ou dizer (linguagem oral) passa a enfatizar a cultura escrita, ou seja, percebe-se que a linguagem oral por si só não dava conta de tornar sistemático e perene o conhecimento historicamente acumulado. Além do mais, a escola passa a ser organizada pelo Estado a partir dos seus interesses com a perspectiva de acesso para todos, momento em que surge o mestre (num novo sentido do termo) e o aluno. (VICENTI, LAHIRE e THIN, 2001; CANÁRIO 2005).

Não obstante as muitas mudanças visando à modernidade, no período republicano tais transformações, ocorreram mais no sentido de construção de prédios escolares enquanto que a alfabetização e o acesso à educação ainda ficaram pendentes. Assim, pode-se inferir que a história da escola no Brasil é marcada por tensionamentos, continuidades, rupturas e a sua invenção – a forma escolar e organização espaço-tempo deixaram indícios que estão presentes na escola até os dias atuais (TOMMASELLI, 2009; MAGALHÃES 1996; CANÁRIO 2005).

Nesse interim, faz-se essencial aprender o conceito de forma escolar e o surgimento das disciplinas escolares que marcaram sua origem. O conceito de forma escolar apareceu no fim dos anos de 1970, na França e é compreendida como uma configuração sócio-histórica particular que se construiu a partir do século XVI, nas sociedades europeias, ligada a uma reorganização do campo político e religioso, à instauração de uma ordem urbana, que exigia o estabelecimento de novas formas de relação social entre sujeitos de diferentes grupos sociais (VINCENT, LAHIRE e THIN, 2001). Para demonstrarem de modo mais concreto o significado de forma escolar, os autores extraem cinco características relativamente invariantes de algumas formas escolares de relações sociais.

A primeira diz respeito à escola como espaço específico separado das outras práticas sociais, isto é, passa a existir um espaço social peculiar relacionado à existência de saberes

objetivados que se apodera da escrita como algo que permite a acumulação da cultura transformando a escola em lugar central e ponto de passagem obrigatório.

A segunda refere-se à pedagogização das relações sociais de aprendizagem a qual se dá pela constituição de saberes escritos formalizados e objetivados concernentes ao que é ensinado e como deve ser ensinado, ou seja, a escrituralização dos saberes como uma tentativa de tornar o ensino uniforme.

A terceira característica concerne à codificação dos saberes e práticas escolares por meio da pedagogização a qual torna possível a sistematização do ensino e permite uma socialização por meio da educação.

A quarta remete-se à escola enquanto espaço de objetivação e codificação que se constitui em um espaço de aprendizagem e de exercício do poder, ou seja, na escola não se obedece mais a uma pessoa e, sim, a regras impessoais que se impõem tanto aos alunos quanto aos mestres.

E, por fim, a última corresponde ao domínio da língua escrita fundamental à vida em sociedade, para ter acesso a qualquer tipo de saber escolar, é necessário dominar a língua escrita. Logo, a forma escolar de relações sociais é a forma social constitutiva do que se pode chamar de uma relação escritural-escolar com a linguagem e com o mundo.

Apreende-se assim que a forma escolar de socialização se dá numa relação pedagógica qualificada numa relação de submissão do professor (mestre) e aluno a regras determinadas, num espaço fechado e ordenado por seus deveres em um tempo metodicamente regulado onde não cabe imprevisto. Um espaço de transmissão de conhecimentos organizados em conteúdos, currículos, disciplinas, métodos, materiais, produzindo um saber-fazer próprio: uma escola organizada por classes de alunos com o mesmo nível de conhecimentos e competências, com avaliações regulares (VINCENT, LAHIRE e THIN, 2001).

Instituída para atender aos anseios de uma classe predominante – a burguesia, essa forma escolar considera apenas a dimensão cognitiva, reforçando a aprendizagem como processo formativo principal que, ao desconsiderar as aprendizagens adjacentes ao espaço escolar, pretere o conhecimento advindo das experiências sociais dos educandos, o qual ocorre nas trocas com os próprios familiares, com outros sujeitos e seus pares, e não apenas em espaços escolares.

À vista disso, essa forma escolar torna invisível o pensamento crítico e transformador da escola, tendo em conta que a aprendizagem se dá numa relação vertical, em que o mestre sabe e ensina aquele que nada sabe, marcada por atividades acumulativas de informações aos educandos, memorizações, penalizações. Em suma, as invariantes como as classes, a ordem temporal e espacial, as disciplinas, repetição de informação, avaliação e punições marcam essa forma escolar.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Essa forma escolar fez emergir distintos elementos que constitui a organização do espaço e do tempo escolar. No que se refere ao espaço escolar, de acordo com Frago (1995) é um *locus* de construção social, um lugar e um território de distintos discursos e configurações. Esse espaço escolar é delineado a partir de uma configuração física em que a disposição das pessoas e dos objetos nas dependências estão bem definidas (sala de aula, a mesa, o armário, as cadeiras, o quadro, o agrupamento dos alunos, entre outras).

Com lugares específicos para a realização das atividades de ensino e aprendizagem, esse espaço escolar torna-se um sistema fechado, não flexível ou adaptável, marcado por uma homogeneidade na organização do espaço. Essa arquitetura da ênfase na ordem e na disciplina e afeta o comportamento dos sujeitos na sociedade (FRAGO, 1995).

Quanto ao tempo escolar, é diverso, plural, individual, institucional e condiciona outros tempos sociais. Na dimensão institucional, ele é prescritivo, uniforme, natural e único. A dimensão individual dispõe de um tempo escolar plural e diversificado. Assim, o mais correto é falar em tempos de escola, devido a múltiplas configurações assumidas no ambiente educacional, como a organização por calendário escolar, cursos ou anos acadêmicos – com início, fim e interrupções festivas ou por conta de feriados; com unidades temporais distribuídas em anos, semestres, mês, semana, dia, manhã e tarde; e outra característica temporal é a distribuição em disciplinas e atividades formativas.

Essas características permitem evidenciar a correlação entre escola e cultura escrita, pois a partir dessa relação se constituiu historicamente o sistema escolar vinculado diretamente à acumulação de cultura que só se realizava mediante o desenvolvimento da escrita. Assim, a escola como ambiente específico do “saber”, desenvolve um aprendizado apenas de transmissão de saberes fixos, um modo de socialização indissociável da natureza escritural dos saberes a transmitir (VINCENT; LAHIRE; THIN, 2001).

À face do exposto, a forma escolar tem como objetivo a pedagogização social em que as relações sociais passam a se materializar por meio de normas e regras dentro do ambiente escolar. A cultura escrita, as disciplinas e os artefatos (quadro, livros, cartilhas, cadernos, sirene, entre outros) influenciaram historicamente a escola e suas formas de organização espaço e tempo, e, em consequência a implementação do processo de ensino e aprendizagem. A ênfase na cultura escrita, disciplinas, organização espaço e tempo instituiu uma forma escolar homogeneizadora, em que não se articula e problematiza os conhecimentos cotidianos e os escolares, onde os alunos recebem de forma igual o mesmo conhecimento sem contemplar a diversidade e os diferentes ritmos de aprendizagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A forma escolar instituída com a invenção da instituição escola foi naturalizada e está presente até hoje, orienta a prática curricular do professor na sala de aula e define um tempo certo para as aprendizagens. É oportuno destacar que ao ser inventada, a escola não considerou o tempo do aluno, gerando reprovação e fracasso escolar.

A partir desse panorama surgem as crises educacionais que ajudam a repensar e implementar inovações e reformas para atender o tempo do aluno. Isso pode ser exemplificado por meio de diversas ideias pedagógicas, políticas e reformas educacionais, institucionalizadas ao longo do tempo.

A despeito das necessidades das reformas, destaque-se o fato deste processo não continuar reproduzindo a forma escolar do passado, por meio de avaliações meticulosas, ensino mecânico e conhecimento escolar sem articulação com os conhecimentos cotidianos. –Faz-se necessário articular o conhecimento entre os vários campos do saber, e desconfiar de conceitos expressos em políticas curriculares e problematizá-los, sem negar suas orientações, mas, reconfigurá-las no sentido de organização de espaço e de tempo que desafie e respeite o protagonismo dos alunos, seus ritmos de aprendizagem por meio de uma relação horizontal e respeitável entre professores e alunos, em que ambos possam aprender mutuamente.

Palavras-chave: Currículo; Forma Escolar; Cultura Escrita; Espaço; Tempo.

REFERÊNCIAS

CANÁRIO, R. **O que é a Escola?** Um “olhar” sociológico. Porto Editora, 2005. cap. 5 -6

FRAGO, A. V. Historia de la educación y historia cultural: posibilidades, problemas, cuestiones. **Revista Brasileira de Educação**. n. 0, Set/Out/Nov/Dez 1995.

MAGALHÃES, J. Um contributo para a história do processo de escolarização da sociedade portuguesa na transição do Antigo Regime. **Educação, Sociedade e Cultura**, n. 5, 1996, p. 7-34.

MINAYO; M. C. S.; DESLANDES, S. F.; GOMES, R. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 31 ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2012.

TOMMASELLI, G.C.G. O esgotamento da forma escolar: crítica aos currículos escolares a partir de adorno. **Revista Eletrônica de Ciências da Educação**, Campo Largo, v. 8, n. 2, p. 1-29, nov. 2009.

VICENT, G.; LAHIRE, B.; THIN, D. Sobre a história e a teoria da forma escolar. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, n. 3, jun. 2001.